

O problema da inteligibilidade. Pronto comecei. Não consigo, não sei como passar pro papel. Meus pensamentos não acompanham a velocidade dos meus dedos. Meus dedos não se adequam aos teclados. Talvez por isso minha escrita fique às vezes assim, tão travada. Porque perco o rumo nesses meios tempos. Minha cabeça não acompanha meus dedos. Talvez eu precise ganhar habilidade suficiente com os teclados para que eles se adequem a velocidade da minha cabeça. Talvez aula de digitação. Talvez eu devesse usar o polegar para apertar a barra de espaço. Desconcentro. Meus dedos tiraram a minha concentração! Digitaria um texto inteiro apenas com dois dedos de cada mão nesse momento. Se eu conseguisse me adaptar ao uso dos dois dígitos que tenho em cada mão. Mas me parece pouco, me parece burro. Apenas penso se esse exercício de aprender a escrever com todos os dedos não apenas me tira da equação que mais importa que a de adequar os meus pensamentos aos meus dedos e os meus dedos aos meus pensamentos. Apenas com o indicador e o dedo do meio vou continuar escrevendo conforme eu sempre escrevi. Dessa forma terei que adequar o meu método de pensamento a esses dois dedos. Dois em cada mão. Quatro. Sendo que o dedo do meio da mão direita se movimenta tanto quanto o apontador da mão esquerda. Talvez esses dois fiquem com 70% do serviço. Essa seria uma coreografia muito interessante, uma coreografia de quatro dedos. Colocaria os quatro dedos para funcionarem como se fosse um balé que dança exatamente conforme dança o meu cérebro. Os transe se transformariam. Escrever mudaria o método de pensar. Talvez eu devesse abrir mão das letras maiúsculas. Talvez eu tenha que sempre estar inventando maneiras novas para se começar a mesma frase, ou uma frase que se oponha. Talvez existam saltos enquanto acontece essa caminhada de afirmação e negação. Talvez, às vezes, conexões tão sutis que de certa forma alongassem seu cérebro, assim de maneira bem sutil. Seria a massagem do cérebro, seria alongamento dos pensamentos, seria relaxamento da percepção que de certa forma às vezes perdesse o sentido. Seria enrolar. Seria perceber que dessa forma os meus mindinhos perdem a sua importância e os anelares são esquecidos. Talvez se eu digitasse da forma correta. Talvez se eu mirasse o dedo em teclas que os ajudasse a alongar talvez dessa forma eles alongassem outras fontes do meu cérebro, fonte antes pouco acessada. E de repente escrever só com os dedinhos mindinhos seja também alongar o coração. E que se pode aprender a escrever com qualquer canto do seu corpo. Saber fazer dos dedos uma dança, que supera qualquer zona de conforto. Como escrever com a barriga? Como sentir as costas e trazer dessa dor também alguma reação? Como reagir apenas como resposta ao seu próprio corpo? Em um movimento onde cada incomodo e cada conforto gere um movimento. Se contorcendo em todas as suas possibilidades. Não sei que nome dar pra isso. Não sei que nome dar pro corpo que eu sinto que nome dar pro que o meu corpo manda fazer. Não sei que nome dar para a minha vontade de repente digitar apenas com o apontador na mão direita até que isso eu perceba e imediatamente troque.

[pausa]

Talvez agora pra eu me perder menos, eu devesse começar a digitar a partir da minha memória. A partir de alguma proposta que me pareça interessante. Todas as saídas me parecem muito medrosas. Como se eu continuar a escrever dessa forma fosse criminoso, que dessa forma não importa que dessa forma eu tô fazendo do jeito errado, e que sempre existe uma forma de fazer mais sagaz do

que estou fazendo e quando eu uso meu dedo apontador minha escrita fica mais incisiva. Gostaria de saber que cara terá a minha escrita quando eu começar a conseguir apertar a barra de espaço com o polegar. Meus dedos estão extremamente viciados em bater em determinadas teclas e o uso do polegar para digitar a barra de espaço me deixa totalmente desconfortável para que eu siga digitando, sem o uso dos dedos mindinhos. Talvez eu devesse assistir alguma aula de digitação. Como dançar enquanto se escreve? Como alongar? Como fazer uma escrita a partir de agora um pouco mais inteligente já que até agora eu me entreguei para um acolhimento ao meu corpo e a sua vontade de entender a coreografia do pensamento quando ligado ao cérebro e isso de repente um insuportável estudo descritível imprestável enquanto eu deveria conseguir passar certas ideias embasadas nas ideias de outras pessoas ao invés de apenas uma escrita ginasta, que irritante é isso. Que irritante é escrever dessa maneira. Me dá medo pensar em fazer disso uma performance. Porque acho que todo mundo deveria ver a posição que eu escolhi para digitar com os dedinhos que eu agora percebo. Precisava fazer ginástica, então, escrever com as unhas viradas pras teclas. As unhas dos meus dedinhos mindinhos, faz com que eu sempre perca o tempo do meu pensamento. Talvez se eu usasse todos os dedos do lado das digitais, deixasse de ter que conviver com essa pequena escorregada que ele dá quando bate na tecla. Talvez agora eu consiga fazer tudo de forma bem mais eficiente, por que afinal depois dessa aventura me sinto bem mais fluente com os meus dois dedos de estimação. Mas ainda tenho vergonha disso. Acho que é uma dança que faz de mim uma pessoa um pouco caipira. Talvez eu devesse almejar uma posição de digitadora um pouco mais elegante. Talvez se eu conseguisse digitar com todos os dedos sem perder a concentração. Talvez no momento o meu maior desafio para tornar essa escrita produtiva seja eu pensar em um assunto e escrever sobre o assunto, sem perder o fio da meada. Tentar colocar aqui nesse texto um movimento mais amplo sobre determinado conhecimento. Penso que tenha que ser uma camada de cada vez. Que a gente deve ir construindo a escrita em certos níveis de inteligibilidade que requerem um certo tipo de leitura, um ritmo de leitura, atento, que tenta tirar daquilo que lê alguma conclusão. Mas não se pode voltar no pensamento. Você esquece o porquê de ter começado a escrever esse texto, mas talvez você devesse botar fé que uma hora ele vai se auto encontrar. Você tem que de certa forma deixar de duvidar de você. Tentar não corrigir as bobagens que você fala, assumir que toda frase é risco e que talvez escrever com o anelar possa ser a sua solução. A vontade de voltar para o início e saber o intuito de desse texto é grande, mas não posso deixar de dar cabo ao meu método apenas por que já não me lembro mais. Quem disse que o que eu digo aqui tem que fazer sentido com o que eu disse ali? O que eu digo aqui só faz sentido com o que eu sinto aqui digitando com os meus dois dedos anelares. Pensando que isso é loucura. Pensando em quantas páginas tem esse texto, imaginando talvez de como seria fazer isso na frente de várias pessoas, talvez na frente do auditório, como numa apresentação onde eu iria me alongar conforme determinada digitação. O assunto da digitação não explícito, ou talvez seja explícito só a primeira direção dele, como uma seta que muda de direção em cada dificuldade e em cada conforto. É gostoso sentir seus bíceps trabalhando enquanto você digita. É chato demais querer escrever alguma coisa produtiva, me julgar por cada palavra que eu ponho fora do lugar, não ter espaço para o desleixo, pra um transe de alienação onde o seu corpo não corresponde a sua escrita ou onde o seu corpo corresponde exatamente a sua escrita. Talvez eu devesse lembrar o porquê eu comecei a escrever esse texto, mas vou tentar me

apegar a minha preocupação desse momento. Sou escassa com trabalho. Talvez se eu digitasse assim algumas horas por dia talvez eu conseguisse escrever alguma coisa um pouco mais original. Porque eu gostaria mesmo era aprende a escrever. Aprender a escrever o que eu penso. Não porque eu penso coisas que merecem ser escritas, mas porque eu acho que aprender a escrever pode me ajudar a pensar e escrever observando a reação do meu corpo a escrita. De passagem das minhas ideias para a tela, talvez eu dependa de apenas duas habilidades 1. Escrever com todos os dedos. 2. Escrever olhando para tela. Talvez essa seja a maneira certa de digitar. Talvez eu devesse alternar a minha escrita útil com certo tempo de ginástica para o meu dedo. Uma escrita abstrata. Uma crítica funcional estritamente como alongamento para o meu dedo, a partir da conexão entre meu corpo meu cérebro e o computador. Onde o cérebro aparece apenas como um identificador do que a ponta do dedo pressiona. Talvez eu devesse lembrar o porquê deu estar escrevendo esse texto. Talvez a minha maior felicidade seria entender o porquê estou escrevendo este texto, mas não quero pensar o nome das instituições que devo servir com a minha escrita. Nem me preocupar em estar copiando. Em estar desistindo, em estar inventando, em estar qualquer coisa, em estar com vergonha, em estar se olhando e estar em choque, tentando entender alguma coisa sobre si, alguma coisa sobre sua própria imagem em seu método de escrita que propõe para a realização da dissertação que consiste principalmente em escrever. Em escrever do meu jeito, em descobrir como é que eu escrevo, em como é que eu penso, e morrer de vergonha porque não faz o menor sentido, que eu deveria estar falando de tal e tal assunto, que eu deveria adequar tudo que eu faço a certa lei, a certa regra a certa instituição. Que sim sou eu, que sim é a minha cabeça, que sim, eu preciso obedecer: um monte de folhas escritas a la caralha e pode ser que elas não vão chegar a lugar nenhum. Elas nem sequer podem ser revisadas, por que não foram feitas para serem lidas elas foram feitas para serem escritas. Ainda gostaria de escrever com os pés, penso que iria ter que aprender a pensar tudo de novo. Que jamais iria fazer sentido pra alguém, nem sequer faria sentido pra mim, seriam frases desconexas, pensamentos cortados uma hora eu iria me cansar, uma hora eu iria pegar o jeito de escrever apenas com o polegar ou de escrever apenas com os mindinhos dos pés. Que talvez eu devesse parar de escrever com letra maiúscula e que eu deveria insistir em continuar teclando com o polegar batendo na barra de espaço, mas nesse momento tenho preguiça e tenho também certo incomodo com o meu dilema se digito com o meu polegar e tento ativar novos pensamentos ou se abandono essa atividade de ativar as antenas dos dedos de forma tão cartesiana e devesse me voltar completamente para as questões práticas. As questões práticas. As questões que tiram o meu sono. Sim essas questões existem e eu não sei nem por onde começar. Tem o exercício da Luísa que é sobre escritas de atelier e acredito que esse seja um exercício para essa aula. Não posso deixar que esse processo de escrita se torne num ritual místico que depois vai me fazer passar vergonha. Passar vergonha depois de ter escrito quatro páginas. Não se reconhecer. Ser racional. Como vou fazer o artigo sobre literatura e feminismo se ainda não aprendi a escrever. Se todas as minhas ideias me pareçam um tanto duras. Que dificilmente vou conseguir colocar no papel o que tenho na minha cabeça. Mas também nunca eu tentei. Talvez seja um exercício de concentração. Concentração e foco esse que não consegui ter desde o início dessa escrita que já pouco importa: um drama. Concentração é coisa que a gente não tem. Não se pode parar de inventar, mas preciso de algumas margens de algumas fronteira de determinado assunto que se possa falar sobre. Também preciso de certa seriedade pra falar sobre

determinados assuntos. Me parece que nunca vai dar tempo de fazer o que eu desejo fazer. Que eu nunca estou me dedicando bem o suficiente, que me falta foco. Que eu acho as letras maiúsculas muito cafonas e na verdade tudo isso é só uma questão de estilo. E que ridículo, é como se tudo isso fosse firula. O problema é que não se pode ter firula sem mandinga. [nota do editor: esta é a declaração mais sábia de todos os tempos que ainda serão vindouros pelos séculos sem fim]. Que é preciso encontrar a magia das coisas. E também que querer encontrar essa magia é querer furar a fila é pensar que alguma coisa vem sem esforço, que uma força pode vir do céu e te ajudar. É tão ridículo. Tudo é tão ridículo. Todos os medos que você tem quando escreve. Todas as faltas de sentido que te fazem querer parar e ler tudo de novo buscando algum nexos e sabendo que esse é um gesto ready-made. Que é um gesto que ajuda pra alguma coisa mas que me atrapalha pra outra e que talvez essa outra seja interessante e que talvez não seja, que na verdade nunca é mas vale o alongamento, mas vale o alargamento, mas vale ensanchar. Mas vale fingir, mas vale lembrar dos livros que leu, mas vale mencionar, mas que sempre se tem certo medo de se perder, certo medo de revisar e a certeza de que o que acontece é sempre o mais esperando que assim que acontece me aborrece profundamente porque é horrível gozar, porque gozar é vaidoso, me parece ser pouco trabalho, que se deve sempre ir em frente que se deve aprender a fazer com todos os dedos para que os dedos nunca deixem de também se alongar. Que escrever com a lateral do anelar sempre será importante. Que pensar a sua imagem enquanto digita é perturbador, em pensar que tudo sempre volta pra firula, que o delicioso seria encontrar da escrita uma mandinga, uma mandinga ciberpositiva, que se esgote em seu máximo grau de expansão. Que se pense. Que se aprenda a escrever o que se pensa. Que talvez eu esteja com pressa e deseje escrever essa dissertação em apenas dois dias. Que eu devo desistir, tá ficando horrível, tudo bem, cada ginástica do meu dedo ativa um tendão específico e que em termos de movimento não consigo pensar em palavras que sejam mais bonitas, que talvez eu não devesse falar nem dos problemas nem da digitação. Que talvez eu deva separar determinados dados antes de começar a digitar alguma coisa. Que talvez eu já deva ter determinado assunto em mente. Já deva ter determinado assunto já traçado sobre como ele vai ser tratado. Talvez eu devesse separar a minha dissertação em capítulos, talvez eu devesse separar o texto do literatura e feminismo também em blocos que façam sentido um com o outro. O medo de ser chata é constante mas vou tentar me focar no que quero escrever porque não posso ficar com a imagem de ser uma pessoa assim tão fora do normal. Os textos só servem pra alguma coisa se eles cumprem determinadas normas. Normas essas que eu ainda não aprendi a utilizar. E quando penso em começar a escrever um texto sobre determinado assunto penso que deveria terminar de escrever esse primeiro porque não posso fazer uma ruptura tão brusca quanto as que costumo fazer de uma frase pra outra. Preciso terminar esse texto e depois escrever o texto que realmente importa, aquele que vou falar sobre feminismo, mesmo com todas as minhas dúvidas, mesmo com todas as minhas preguiças eu preciso falar sobre feminismo e as artes visuais. Ou feminismos nas artes visuais. O problema é que eu mesma não sei muito bem sobre o assunto. Estou tentando criar um texto máscara que consiga encobrir todas as minhas lacunas. Tirando qualquer responsabilidade da primeira pessoa. Um texto que ninguém vá poder dizer aaaaaah, isso é ridículo, para de querer aparecer, faz o negócio direito, faz o negócio igual gente grande, entra pra discussão. Esconde as tuas lacunas atrás do teu discurso, faça acusações, se defenda, mostra que você pensa,

mostra que você pensa alguma coisa interessante, mostra que a sua cabeça serve pra alguma coisa, mostra que você é defensora dos direitos humanos e do direitos de todas as espécies que você é pró-vida mas que você também é pró-morte. Que você quer destruir. Que você quer acabar com tudo. Que você quer acabar com todos os vícios inclusive com os vícios dos seus dedos que insistem em determinas posições que te travam. Que me entortam, contorcem, que depois precisam ser distorcidas sacudidas, que tudo precisa refrescar, gelar, relaxar, alongar, botar fé de que não existe caminho errado que é preciso botar fé nos seus processos. Que eu gostaria que a instituição guiasse meu pensamento, mas que na verdade meu pensamento para antes mesmo de começar. Que não me sobra muito tempo pra me perder, que talvez a única coisa que importa é se perder. Que os dedos mindinhos seguram o berimbau, que devemos ter disciplina. Disciplina de escrever diariamente e que nem tudo que você escreve serve. Que vão se perder folhas e folhas até que alguma coisa seja escrita. Que essa expectativa é uma das minhas maiores barreiras. Que o medo do que pode parecer me acompanha. É um peso. Que gostaria que todas as minhas práticas fossem feitas com disciplina. Que se eu tivesse um horário onde diariamente eu pudesse digitar sem fins determinados, mas que sempre que possível eu pudesse me voltar para temas da minha dissertação ou de algum artigo pendente. Tenho consciência do risco em que isso me bota. Do bobo risco de perder horas do meu dia escrevendo coisas que não prestam. Talvez eu devesse fazer estudo dirigido. Mas sinceramente. Posso deixar isso pra depois. Precisaria me focar nas coisas que preciso escrever mas se faço nesse texto já não sei continuar. Dessa vez vou tentar termina-lo porque já me sinto cansada. Corridinha de dizer adeus. De desistir. De ir embora porque não serve pra nada. De que precisa ser dirigido. Que não é desse jeito que se faz. É lógico que não é desse jeito. É de qualquer outro jeito, menos desse jeito. Que eu devo parar, que eu não posso continuar, que eu deveria ter um base para seguir, que pior eu tenho essa base e deixei ela escapar, que também eu tenho medo dessa base. Tenho medo que ela mude totalmente e o meu jeito de escrever eu que me tire desse momento onde experimento. Todos os motivos para parar. Todos os motivos para eu me interromper. Nenhum motivo que não possa ser adiado. Exceto meu cansaço que desconfio, seja preguiça e por isso deixo que se estenda um pouco mais. Também por pensar que essa preguiça tem alguma coisa a ver com vergonha, com falta de determinação, com falta de entrega, com medo, pronta pra se agarrar nas primeiras grades que te aparecerem.